

Notas sobre o termo viking: usos, abusos, etnia e profissão

André Szczawlińska Muceniecks¹

Resumo: O termo “viking” é usado com frequência entre historiadores e entusiastas brasileiros como definição indiscutivelmente étnica, ou completamente indefinida. Discute-se aqui a aplicação do termo levando em consideração seu emprego nas fontes escritas e arqueológicas, que apontam para um uso ocupacional do termo, ao invés de étnico.

Palavras-chave: Medievalismo, Escandinávia, Etimologia.

Abstract: The word “viking” is currently used between historians and amateurs as a strictly ethnic definition, or in a completely undefined way. Is argued here the applications of the term, taking into consideration its employment in written and archaeological sources, that point to an occupational use of the word, instead of the ethnic one.

Keywords: Medievalistics, Scandinavia, Ethmology.

Introdução

Os estudos germânicos no Brasil vêm ganhando impulso nos últimos anos, em particular no campo do medievalismo. Dentro deste grupo mais amplo, dirijamos nosso foco ao campo específico de saberes relativos aos povos escandinavos do medievalismo, nos chamados genericamente estudos “vikings”. A existência de poucos pesquisadores e poucos núcleos tem sido um impecilho à troca maior de conhecimentos. Simultaneamente, esta fragmentação produz guetos fechados, e a troca aberta e flexível de conhecimento e ideias, produto sempre esperado no diálogo científico, acaba sendo deixada de lado.

Desta forma, há ainda uma polarização nos estudos medievais; o número de especialistas em Escandinávia é realmente pequeno, mas o seu acréscimo sofre entraves. Por um lado, os conhecedores de uma medievalística mais geral vêm com cautela orientandos e novos alunos desejosos de estudar tais temáticas; por outro, tais estudos são amiúde conduzidos de forma desconectada de contextos maiores e de maiores linhas de aplicação, gerando uma seção acadêmica de curiosidades, popularização científica ou completo alheamento à medievalística mais genérica.

¹Doutorando em História Social pela USP, sob orientação do Prof. Dr. Nachman Falbel. Especialista em Arqueologia pela UNISA, SP. Licenciado, Bacharel e Mestre em História pela UFPR (Universidade Federal do Paraná). Contato: muceniecks@usp.br.

Nosso propósito primário aqui é a discussão e explanação objetiva do próprio termo pelo qual são designadas as populações foco de tais estudos (a saber, os “vikings”), inserindo o termo em seu desenvolvimento histórico e demonstrando as dimensões e restrições que o mesmo possuiu em seu contexto de origem e para os pesquisadores contemporâneos². Proporemos rapidamente aqui o uso de uma terminologia que, conquanto tenha sido mais aceita academicamente em tempos mais recentes, está mais de acordo com o uso das fontes primárias.

1. Uso na historiografia e etimologias propostas; o uso do conceito étnico.

O emprego do termo “viking”, em particular no Brasil, é por vezes banalizado, empregado sem critério ou, com maior frequência, empregado com critérios contemporâneos e pós-românticos. Assumiu conotação étnica ligada aos povos escandinavos do período anterior à conversão da Escandinávia ao Cristianismo; desta forma, encontra-se frequentemente referências como “civilização viking”, “sociedade viking”, “mitologia viking”, “religião viking”, “deuses vikings”, sem maiores explicações ou delimitações. Tal circunstância deve-se em parte a ainda recente expansão do interesse e estudos por tais temáticas em conjunto com pouca discussão.

É também provavelmente resultado de um influxo tanto das terminologias mais comuns encontradas na bibliografia Anglo-Saxã relativamente recente e posterior às décadas de 60-70, que emprega em sua maior parte o termo “viking”, com as referências por vezes ambíguas encontradas em autores franceses de maior alcance como DUBY e LE GOFF, que amiúde empregam a designação “normando”. Este último em particular suscita maiores confusões, pois deriva da designação étnica de “homens do norte”, mas peca pela nem sempre clara diferenciação entre habitantes do ducado da Normandia ou viajantes oriundos dos países escandinavos.

O verbete “Normandos” de LeGoff na tão difundida “A Civilização do Ocidente Medieval” vai trazer o seguinte:

“Os homens do Norte – nome dado aos invasores escandinavos no Ocidente (séculos IX e X). Eram, em geral, Dinamarqueses. Em seguida, este nome foi dado àqueles nórdicos que, instalados na Normandia (911), conquistaram a Inglaterra, em 1066, e o reino das Duas Sicílias (século XI)...” (LE GOFF, 1995: 327).

²Empregaremos aqui discussão e conclusões desenvolvidas em nossa dissertação de Mestrado (MUCENIECKS, 2008) com a adição de conteúdo, em particular no campo das fontes arqueológicas.

Aqui fica claro o conceito que mais profundamente influenciou o pensamento e a historiografia no Brasil, ligada inequivocamente ao aspecto *étnico*.

Alguns trabalhos clássicos da década de 50 como *Les Peuples Scandinaves au Moyen Age* de Musset³ e obras de Gabriel Turville-Petre⁴, dentre outros, empregam o termo “escandinavos” ou “northmen”, numa conotação étnica mais precisa e inequívoca, mas esta conotação foi paulatinamente transferida para o termo “viking”, de forma nem sempre tão precisa.

A designação de *viking* carregada exclusivamente de conteúdo étnico pode apresentar-se de certa forma anacrônica e generalista. Pressupõe uma identificação mútua entre os povos escandinavos do medieval fundamentada em aspectos e características escolhidas contemporaneamente, empregando desta forma um conceito contemporâneo e taxonômico de etnicidade; é o conceito fundamentado nas características definidas pelo pesquisador (conceito “ético”).

Ao empregarmos o termo “viking” aqui, entretanto, não o faremos num sentido étnico; antes, procuraremos empregar o sentido mais coerente com as fontes consultadas e afins. Procuraremos, portanto, ater-nos na definição étnica, mais próxima dos próprios personagens. As etimologias possíveis para *vikingr* são as seguintes: a) antigo nórdico vik: “baía”, “enseada”, “porto” (HAYWOOD, 1995: 8) - discutiremos mais adiante; b) antigo nórdico *vig*, “batalha” – como Brøndsted bem resume, “semanticamente plausível, mas duvidosa em termos fonológicos”(BRØNDSTED, S.D: 32); c) latim *viccus* e anglo-saxão *wic*, significando “cidade” e “acampamento”; d) de *wikan*, segundo dialeto da ilha de Runö no Golfo de Riga, designando “caçadores de foca” (apud RUSSOV In: KENDRICK, 1930: 2, nota 04).

Outra opinião mais popular que as anteriores e muito difundida entre os autores anglo-saxões, endossada por inclusive Peter Sawyer (1997: 8), mas desacreditada mais recentemente (CHRISTIANSEN, 2002), deriva o termo da região do fjörd de Oslo, *viken*, considerando o *vikingr* um habitante vindo de tal região, o que limitaria sua aplicação do termo aos escandinavos provenientes, em primeira instância, da Noruega. Entretanto, as derivações encontradas nas fontes para tais habitantes são *Vikverjar* ou *Vestfaldingi*.

³Referência completa: MUSSET, Lucien. *Les Peuples Scandinaves au Moyen Age*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.

⁴I.e. TURVILLE-PETRE, Gabriel. *The Heroic Age of Scandinavia*. London: Hutchinson's University Library, 1951. ou, posterior, TURVILLE-PETRE, Gabriel. *Myth and Religion of the North: The Religion of Ancient Scandinavia*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1964.

2. O uso derivado das fontes; um conceito ocupacional.

2.1. Fontes escritas

Ao invés de centralizarmo-nos em tradições e usos posteriores, ou discussões científicas e abstratas acerca de etimologias, parece-nos mais coerente, em primeiro lugar, analisarmos o termo nas fontes do período em questão, que virá propor um uso muito diferente da terminologia.

A designação mais comum encontrada nas fontes dos séculos XII-XIII para *víkingr* associa o termo a um tipo de *ocupação*, num sentido aproximado de *profissão* (HAYWOOD, 1995: 8). Sua etimologia mais provável a faz derivar do termo *vik* que, por sua vez, significa “enseada”, “baía”, “porto”. Desta forma, *víkingr* é aquele que frequenta as baías, que navega, que lida com o mar. Aquele que pratica expedições de navegação, de comércio ou saque.

É um significado dúbio, não necessariamente carregado de conotação negativa ou positiva por si só. Negativa para aqueles que são vítimas de tais expedições de saque; entretanto, muito positivas quando o herói narrado é descrito como tal. É encontrado em tais acepções antes mesmo da chamada “Era Viking⁵”. Na Inglaterra Anglo-saxônica nos séculos VII-VIII, temos o uso do termo *wícing* no poema anglo-saxão *Widsið* ao referir-se a tribo germânica dos Heoþobeardan como “Wícinga cynn” (FORTE et al, 1993: 693)⁶, na versão poética saxônica do livro do Êxodo, e em algumas glosas (KENDRICK, 2s, nota 04).

Sob tal ponto de vista, encontramos algumas extrapolações valiosas. Uma é a freqüente tradução do termo para o latim por *pirata*. Outra é sua adaptabilidade temporal no contexto de cruzadas setentrionais dos séculos XII-XIII e aplicação mais ampla. Note-se também que a grande maioria das fontes escritas acerca dos tempos vikings, o foram a partir destes séculos, o que torna tal período chave para compreensão do conceito de seus autores.

Esta conotação paralela com o termo para *pirata* é encontrada claramente já em glosas do século X na obra do anglo-saxão *Ælfric*, onde aparecem como: “pirata, uel piraticus, uel ... wicing” ou “archipirata: yldest wicing”(FORTE et alii, 1993: 693). Adam

⁵O período aproximado entre 800-1100, referindo-se a Escandinávia e o mundo setentrional. (LUND In: PULSIANO et alii, 1993: 693).

⁶Do anglo-saxão. Algo como “tribo/povo/parentela dos vikings/piratas”, sendo “cynn” similar ao “keen” no inglês contemporâneo.

de Bremem, no século XI, citava que os zeelandeses chamavam certos *pyratae* de *wiching*, que ele, assim como outros cronistas germânicos, chamava de *Ascomanni*: “Ipsi enim pyratae, quos illi Wichingos appellant, nostri Ascomannos⁷” (*Adam Abremensis*, cap.VI).

Novamente, temos aqui diversas interpretações, desde “homens de madeira”, “homens dos barcos” (de *ashmen*- “homens de freixo”) até estonianos provenientes de Askkala (BRØNDSTED, 31; JONES et alii, 1995: 166; TSCHAN, 2002: 198, nota 105). Em Saxo Grammaticus o termo *pirata* é, com exceção da tradução de Peter Zeeberg, vertido para o dinamarquês, inglês e outros idiomas como “viking”, seguindo tal conceituação⁸.

Aqui se encontra o cerne da questão. Ao empregar o termo pirata/víkingr enquanto ocupação e de forma “neutra”, sua esfera de aplicação é ampliada muitas vezes à populações que etnicamente não são escandinavas e que possuem crenças e estruturas sociais freqüentemente diversas, ainda que constatem-se grandes similaridades. A recusa de Zeeberg em traduzir todas as aparições do *pirata* de Saxo por *viking* deve-se por tal amplitude e sua opção por produzir uma tradução acessível a um público mais amplo, cedendo a imagem contemporânea trazida pelo leitor de um viking etnicamente apenas escandinavo (ZEEBERG, 2004: 18s).

As fontes do século XIII também endossam este conceito “ocupacional”. Snorri Sturlusson, na *Heimskringla*⁹, oferece exemplos diversos de seu uso de *víkingr*. Na saga de Hakon, o bom, capítulo 7, temos a referência de Hakon derrotando 11 barcos *vikings*¹⁰ (HEIMSKRINGLA, *Livro V, capítulo 07*)¹¹, seguida de poema no qual afirma-se serem eslavos ocidentais (*Idem*)(de *Vindland*)¹². No capítulo 8, temos a referência de episódio no qual Hakon, na Scânia, matara todos os vikings, ”tanto daneses quanto eslavos”¹³, seguida também de poema no qual cita os vikings de Vindland. Na Saga do rei Olaf

⁷A referência completa: ADAM BREMENSIS, *Descriptio insularum aquilonis*, cap.06. In: *Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum*. Versão em língua inglesa: TSCHAN (trad) p.190.

⁸Uma discussão mais detalhada sobre os aspectos etimológicos pode ser encontrada em GUSTAVSON et al (1990).

⁹Uma sucessão de sagas épicas dos reis da Noruega. Citaremos-la como HEIMSKRINGLA, para diferenciar da Saga de Egil, também da autoria de Snorri.

¹⁰ “xi. *Víkingasnekkjur*”.

¹¹ Na edição de Jónsson, SNORRI STURLUSON, p.74.

¹² Não confundir com a *Vinland* na América. As referências aqui são à *Vindland* dos “vendos” ou “wendi”, eslavos ocidentais que habitavam a costa sul do Báltico. Snorri refere-se a eslavos realmente, e não aos vikings etnicamente escandinavos de Jomsborg, que ficava na Vindland. Quando estes são referidos posteriormente na Saga de Olaf Trygvasson, o são especificamente. Snorri diferencia claramente quando trata dos escandinavos oriundos de Jomsborg, e suas referências aos “vind”, “vendos”, são claramente aos eslavos, como demonstram os nomes listados.

¹³ “... ok drap alla víkinga (...) hæði Dani ok Vindr.” (HEIMSKRINGLA, p.74).

Tryggvason (capítulos 5 a 7), relata como Olaf fora capturado por vikings de Eistland¹⁴.

A Saga de Egil, possivelmente também de autoria de Snorri Sturluson, narra no capítulo 46 acerca de uma expedição de Egil Skallagrímsson à Curlândia¹⁵. Onde inicialmente pratica atividades conjuntas com os curônios, sendo que adiante, capturado pelos mesmos, encontra cativos dinamarqueses, aparentemente capturados pelos curônios em expedições vikings.

Em Saxo Grammaticus, na *Gesta Danorum*, história da Dinamarca escrita em latim, encontramos conceito similar nos usos de *pirata*. A aplicação dá-se em, além de diversos de seus maiores heróis como Hadingus (SAXO GRAMMATICUS, 1.6.7; 1.8.15), Ericus Dissertus e Frotho (Idem, 5.4.1 &2), Starcatherus, oriundo da Estônia (Idem, 6.5.1; 6.5.7-9 & 16ss) e diversos reis importantes, a outras populações como Frísios (Idem, 2.3.1) Rutenos (Idem, 7.9.7) Eslavos (Idem, 10.9.2; 12.4.1) Prussianos e Estonianos (Idem, 11.8.0). Culmina na própria aplicação do termo ao arcebispo Absalão em suas expedições de caráter cruzado na Slávia (a Vindland de Snorri).

2.2. Fontes arqueológicas: inscrições rúnicas

Há poucas aparições do termo nas estelas rúnicas. De um total de 6587 inscrições rúnicas listadas pelo RUNDATA¹⁶, Lena Peterson registra três nas estelas rúnicas suecas (Vg 61, Sm 10 e U 617), em seu *Svenkst runordsregister* (2006), aos quais acrescentamos uma referência em Gotland (G 370) e três na Dinamarca (DR 216, DR 330 e DR 334), discutidas por GUSTAVSON et alii (1990). Sete inscrições, portanto. A estas, acrescenta-se 18 inscrições que contém “Vikigr” ou alguma variante sua enquanto nome próprio e pessoal, que obviamente não interessam aos nossos propósitos.

¹⁴ “...kómu at þeim víkingar; þat váru Eistr...” (HEIMSKRINGLA, p.108). “... vikings veram contra eles; eles eram éstios...”. Aqui há uma possibilidade dupla de lugar. Apesar da tradução habitual do trecho por Estônia, o uso de “Eistland” ao invés de “Estland” torna possível que o lugar referido seja a Prússia Oriental, habitada por povos bálticos e conhecida em diversas fontes habitualmente como variações do nome “Aistia” desde Tácito. Há prós e contras para ambas identificações. No episódio Snorri cita um grande mercado de verão em “Eistland”. Conquanto na Estônia não se tenha relatos de mercados sazonais particularmente renomados no período, um dos maiores portos comerciais do Báltico, Truso, encontrava-se na Aistia. Entretanto, o enredo próximo fala de vikings vindos de comércio com Novgorod; a rota mais tradicional para Novgorod passava pelo Golfo da Finlândia e pelo norte da Estônia, o que torna mais provável ser o local indicado. Sobre o uso do termo “Aesti”, desde Tácito até o medievo, ver a discussão, já bastante antiga: CROSS, 1931: 296-299; EKBLOM, 1940: 161-173; MALONE, 1933: 67-78.

¹⁵ Edição usada: *EGILS SAGA SKALAGRÍMSSONAR*. Edição de JÓNSSON, Finnur. Halle: Verlag, 1924. Pp.130-135. A autoria é provavalmente também de Snorri Sturluson.

¹⁶ Projeto sueco que cataloga e disponibiliza on-line, via um programa cliente no computador do pesquisador, todas as transcrições de inscrições rúnicas.

As aparições do termo, excluindo as enquanto nome próprio reforça o conceito ocupacional em sua maioria, ou não acrescenta material a uma definição mais específica. Três destas estelas (Vg 61, DR 330 e DR 334) fazem uso de “*í uikiku*”, literalmente “em viking”, de significado aceito como “em viagens/expedições/reides vikings”. A Vg 61 traz a referência “... ele foi morto no caminho ocidental, numa viagem viking¹⁷”. A DR 330 diz: “Estes valorosos homens ganharam renome em viagens vikings¹⁸”. Quanto à DR 334: “... que foi morto no norte em uma viagem viking¹⁹”.

As seguintes estelas caracterizam pessoas como vikings, seja a nível individual, como a pessoa que a erigiu ou que recebeu a homenagem (Sm 10 e U 617) ou como os participantes da expedição chamados de vikings (DR 216, G 370). Exemplificando apenas uma das referências, a DR 216 traz o seguinte: “... e ele morreu na Suécia e foi o primeiro (?) (...) na tropa de Freygeirr (?) então, todos eles vikings²⁰”. As referências não são explícitas em nenhum sentido, mas endossam bem o conceito de que os participantes destas expedições eram chamados de vikings, ou a própria expedição *per se*, o que reforça a idéia da ocupação, da participação, da “profissão”, e não de uma etnia, população, povo ou tribo.

3. Conclusões: Implicações do uso do conceito.

Em todas as passagens citadas destacamos alguns pontos. De início, a inexistência de um critério étnico para o emprego de *vikingr* e *pirata*, salientado pelas especificações e diferenciações claras dos grupos étnicos envolvidos em conjunto com a consideração de paridade de costumes na atividade marítima. Snorri cita vikings “tanto daneses quanto eslavos”, as expedições de Egil e Hadingus à Curlândia não fazem diferenças nos estratégias e práticas de escandinavos ou curônios, seja a situação de associação ou antagonismo. Inclusive a espada que Egil usará dali adiante foi obtida nesta expedição na

¹⁷ Transcrição: “sa × uarþ : tuþr : o : uastr:uakm : i : uikiku :”. Transliteração em antigo nórdico: “Sa varð dauðr a vestrvegum i vikingu”. In: RUNDATA, Vg 61.

¹⁸ Versão aproximada, dependendo de muita aproximação e havendo lacunas e dúvidas na leitura do original. Transcrição: “þiR : trikaR : uaRu : u--(-) --isiR : i * uikiku”. Transliteração em antigo nórdico: “Þeir drengjar váru v[íða] [ón]eisir í vikingu”. In: RUNDATA, DR 330.

¹⁹ Transcrição: “... is: nur : uarþ : tuþr : i : uikiku”. Transliteração em antigo nórdico: “... er norðr varð dauðr í vikingu”. In: RUNDATA, DR 334.

²⁰ Transcrição: “... ian han uarþ tauþr o suoþþiaupu auk uas furs ¶ i frikis iopi þo aliR uikikaR”. Transliteração em antigo nórdico: “... en hann varð dauðr á Svíþjóðu ok var fyrstr(?) í(?) Friggis(?) liði(?) þá allir vikingar”. In: RUNDATA, DR 216. Esta estela é uma das chamadas “Estelas de Freygeirr”, que se refere provavelmente a um chefe viking atuante no Báltico Oriental. O “todo eles vikings” refere-se aos nomes do início da inscrição aos quais foi erigido o monumento. Nomes não listados aqui e sobre cuja leitura permanece muita dúvida

Curlândia.

É certo que os grupos dominantes e de maior influência no contexto tenham sido escandinavos, e que muitas das práticas e mesmo ideologias e crenças envolvidas nos contextos de expedições vikings mais antigas tenham sido por eles exportadas. Mas o emprego do conceito em si nos séculos XII-XIII foi feito de forma indistinta etnicamente²¹.

Mais ainda, tal conceito é perfeitamente compreensível e aplicável no século XIII. Quando Saxo e Snorri escrevem sobre eventos antigos e heróis vikings, o fazem com seu contexto em mente. Seu emprego do conceito *vikingr/pirata* se dá de maneira que apresente uma continuidade entre os heróis pagãos de seu passado com os de seu presente. Estes últimos são os cruzados. Tal circunstância é particularmente saliente em Saxo Grammaticus, onde como Zeeberg²² observa, “... anybody can be a *pirata*, Russians or Wends, or Scandinavians of course – even archbishop Absalon is called *pirata*...” (ZEEBERG, 2004: 19). Portanto, o emprego que sugerimos do termo *viking* é associado à tradução de *pirata*, focado em sua aplicação no sentido de ocupação, e possui associação na escrita do século XIII com desde os vikings do período pagão até aos cruzados setentrionais de XII-XIII.

²¹Eric Christiansen apresenta desenvolvimento similar como explicação para a nome da Rússia, em sua adaptação da versão normanista do problema; o conceito *írhos*, que originaria o termo para “Rússia”. Inicialmente significando entre baltos e fineses “remador” ao referirem-se a suecos, assumiria conotação étnica pela sua aplicação aos oriundos da Escandinávia. (CHRISTIENSEN, 2002: 115).

²²Dentre outros de seus trabalhos acadêmicos, nos referimos a ele aqui devido à sua tradução da *Gesta Danorum* para o dinamarquês.

Referências Bibliográficas

A) Fontes documentais:

- ADAM BREMENSIS. History of the Archbishops of Hamburg-Bremen. Translated with an Introduction & Notes by Francis TSCHAN; with a new introduction & selected bibliography by Timothy REUTER. New York: Columbia University Press, 2002. P.198. Texto latino completo em: <http://hbar.phys.msu.su/gorm/chrons/bremen.htm>.
- EGILS SAGA SKALAGRÍMSSONAR. Edição de JÓNSSON, *Finnur*. Halle: Verlag, 1924.
- ELTON, Oliver (trad.) The Nine Books of the Danish History of Saxo Grammaticus. New York: Norroena Society, 1905
- FISCHER, Peter (trad.). The History of the Danes. Woodbridge, Suffolk: Boydell & Brewer, 2006 [1979].
- SAXO GRAMMATICUS. *Gesta Danorum*. Texto latino completo disponível ao público na Det Kongelige Bibliotek, Copenhagen. Baseado nas edições revisadas de Winkel Horn (1898) e J. Olrik (1908-12). Obtido em <http://www.kb.dk/elib/lit/dan/saxo/lat/or.dsr/index.htm>.
- SNORRI STURLUSON. Heimskringla: Nóregs konunga sogur. Editado por JÓNSSON, *Finnur*. København: Gads Forlag, 1911.
- Tradução para a língua inglesa: SNORRE STURLASON & Erling MONSEN. Heimskringla or the Lives of the Norse Kings. Kessinger Publishing. 2004.

B) Obras gerais

- BRØNDSTED, Johannes. Os vikings: história de uma fascinante civilização. São Paulo: Hemus, S.D.
- CHRISTIANSEN, Eric. The Norsemen in the Viking Age. Oxford: Blackwell, 2002.
- CROSS, Samuel H. Notes on King Alfred's North: Osti, Este. In: *Speculum*, Vol. 6, No. 2 (Apr., 1931), pp. 296-299;
- EKBLOM, R. Der Volksname Osti in Alfreds des Grossen Orosius-Übersetzung. In: *Studia Neophilologica*. Vol. 13, No 2 (1940), pp. 161-173.
- FORTE, Angelo, ORAM, Richard & PEDERSEN, Fredericus. Viking Empires. Cambridge, 2005.
- GUSTAVSON, Helmer, SNÆDAL, Thorgun, STOKLUND, Marie, ÅHLEN. Runfynd 1988. Stockholm: Fornvännen 85 (1990).
- HAYWOOD, John. The Penguin Historical Atlas of the Vikings. London: Penguin Books, 1995.
- JONES, Prudence & PENNICK, Nigel. A History of Pagan Europe. London & New York: Routledge, 1995
- KENDRICK, T.D. A History of the Vikings. New York: Charles Scribner's Sons, 1930.
- LeGOFF, Jacques. A civilização do Ocidente Medieval (2V). Lisboa: Editorial Estampa, 1995 [1983].
- LUND, Niels. Viking Age. In: PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia* (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993. p.693.
- MALONE, Kemp. On King Alfred's Geographical Treatise. In: *Speculum*, Vol. 8, No. 1 (Jan. 1933), pp. 67-78.
- MUCENIECKS, André Szczawlińska. Virtude e Conselho na Pena de Saxo Grammaticus (XII-XIII). Dissertação. UFPR, Curitiba: 01/04/2008. 180 pp.
- MUSSET, Lucien. Les Peuples Scandinaves au Moyen Age. Paris: Presses Universitaires

de France, 1951.

PULSIANO, Phillip & WOLF, Kirsten, et al. (eds.) *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia* (Garland Encyclopedias of the Middle Ages). New York 1993.

TURVILLE-PETRE, Gabriel. *The Heroic Age of Scandinavia*. London: Hutchinson's University Library, 1951.

_____. *Myth and Religion of the North: The Religion of Ancient Scandinavia*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1964.

ZEEBERG, Peter. *Translating Saxo In: NYBERG, Tore (ed.) Saxo and the Baltic Region: A Symposium*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004. pp.13-22.